

**Representações sociais da homossexualidade  
entre professores do ensino público: continuidades e rupturas\***  
**(Social representations of homosexuality between teachers from public  
schools: continuities and ruptures)**

Leila Sollberger Jeolás\*  
Maria Angela Silveira Paulilo\*\*

**Resumo** – Este texto apresenta resultados de pesquisa sobre a percepção da homossexualidade, a partir da análise das respostas a um questionário, com questões abertas, aplicado a 67 participantes do Grupo de Estudos sobre Educação Sexual (GEES) da Universidade Estadual de Londrina, constituído por professores/as da rede pública de ensino. A análise do conteúdo se deu a partir da organização do material em núcleos de sentido que denotavam valores de referência e modelos de comportamento acerca da homossexualidade. As categorias temáticas utilizadas foram o *inato* e o *adquirido*. A primeira inclui a percepção da homossexualidade como algo *a priori*, de natureza biológica, pulsional ou comportamental; a segunda implica perceber a homossexualidade como decorrente do “meio ambiente”, da “educação familiar” ou como “opção” do indivíduo. Além dessas categorias, utilizamos também os conceitos de *tempo longo, vivido e curto* para analisar a construção histórica dos significados sociais atribuídos à homossexualidade.

**Palavras-chave** – Homossexualidade. Educação sexual. Representações sociais.

**Abstract** – This text presents research results about the homosexuality perception, based on the analysis of answers to a questionnaire with open questions applied to sixty-seven participants of the Group of Studies on Sexual Education (GSSE) of the State University of Londrina, made up by public education teachers. The content analysis was carried out based on the organization of the material in meaning nuclei which denoted reference values and behavior models concerning homosexuality. The thematic categories used were the *innate* and the *acquired*. The first one includes the homosexuality perception as something *a priori*, of biological nature, pulsional or behavioral; the second one implies perceiving homosexuality as resulting from the “environment”, the “family education” or as an “option” of the individual. Besides these categories, it was also used the concept of *long, lived and short time* to analyze the historical construction of social meanings attributed to homosexuality.

**Key words** – Homosexuality. Sexual education. Social representations.

---

• Artigo recebido em 21.04.2008. Aprovado em 06.11.2008.

\* Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina/PR - Brasil. Doutora em Ciências Sociais (Antropologia) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). E-mail: leilajeolas@sercomtel.com.br.

\*\* Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina/PR - Brasil. Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).. E-mail: mangela@londrina.net ou mangela@uel.br.

## Introdução

Nas últimas décadas, a possibilidade de controle da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis tornou a prática sexual relativamente independente de regulações antes impostas pela moral, pela religião, por costumes e outros instrumentos coercitivos. A revolução sexual dos anos de 1960 levou a sexualidade a extrapolar os limites da procriação e dos deveres conjugais. Romperam-se muitas regras, normas ou praxes, substituídas por práticas e comportamentos relacionados à sexualidade.

Passado algum tempo, tem sido possível interpretá-la como um fenômeno em constante mudança, dependente de desenvolvimentos sociais e históricos e não uma *constante biológica*, portanto, não passível de transformações no tempo e no espaço. O mesmo acontece com o comportamento sexual não mais entendido como um ato de atração entre pólos considerados opostos, ou seja, entre homem e mulher, ou dicotomizado entre a heterossexualidade e a homossexualidade (WEEKS, 1996).

No terreno da heterossexualidade, podemos citar como exemplos as experiências sexuais antes do casamento, o reconhecimento e aceitação da multiparceria, vista como uma mudança em relação à norma da conjugabilidade e da parceria regular e formas outras de práticas sexuais (ARIÈS; BÉJIN, 1987; VAITSMAN, 1994).

Nesse campo, um dos efeitos mais marcantes da liberação sexual das últimas décadas foi o fato de a homossexualidade ter saído das sombras do domínio do não dito a partir da luta de grupos constituídos por pessoas homossexuais que passaram a se expressar cada vez mais livremente e vieram a público clamar por direitos. Recusavam a discriminação e o preconceito, lutavam contra a criminalização, inicialmente impingida aos homossexuais pela transmissão da aids; defendiam o direito da regulamentação da parceria civil entre pessoas do mesmo sexo, apresentada em 1995, por meio do Projeto da Parceria Civil Registrada, e organizavam Paradas do Orgulho Gay, na cidade de São Paulo e em outras cidades brasileiras, forçando para limites, cada vez mais distendidos, as antigas barreiras socialmente impostas ao então denominado “gueto” homossexual.

A sexualidade tornou-se um objeto legítimo para pesquisa cada vez em que era definida como um problema para a sociedade. A gravidez na adolescência, o aborto e a aids foram fatos que vieram não somente favorecer a pesquisa como abriram espaços socialmente aceitos para a educação sexual.

Este texto apresenta pesquisa realizada em agosto de 2006 e discute as representações sociais associadas à homossexualidade entre professores/as da rede pública de ensino,

participantes do Grupo de Estudos sobre Educação Sexual (GEES) da Universidade Estadual de Londrina.

### Procedimentos metodológicos

O GEES é um grupo de estudos desenvolvido pelo Departamento de Psicologia Social e Institucional junto a professores/as da rede pública de ensino e participante do projeto “Formação de Profissionais para a Educação Sexual, o Combate à Homofobia e a Promoção da Cidadania Homossexual”, desenvolvido no período de 2006 e 2007, do qual as autoras fizeram parte. Tal projeto contou com a coordenação do Departamento de Psicologia Social e Institucional e com a participação dos Departamentos de Ciências Sociais, Serviço Social, Enfermagem e Biologia.

Uma das atividades do projeto foi analisar as representações elaboradas pelos/as professores/as acerca da homossexualidade. Para tanto, foi aplicado um questionário com sete questões abertas a 67 participantes do GEES.<sup>1</sup>

A análise de conteúdo das respostas se deu a partir da organização do material em categorias temáticas ou núcleos de sentido. De acordo com Minayo (1993), as categorias temáticas são elaboradas a partir de afirmações a respeito de um determinado assunto. Em suas palavras, “qualitativamente, a presença de determinados temas denota os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso” (p. 209). No estudo em questão, as referências a valores e comportamentos analisados reportam-se à maneira como os/as professores/as, participantes da pesquisa, compreendem a homossexualidade. Cabe observar que o grupo é composto por 64 mulheres e três homens, o que significa que as representações sociais acerca da homossexualidade foram elaboradas por um universo majoritariamente feminino.<sup>2</sup>

No que diz respeito ao tratamento dos dados, eles foram agrupados em duas categorias temáticas organizadoras do material empírico: o *inato* e o *adquirido*. A primeira inclui, de acordo com as falas dos/as participantes, a compreensão da homossexualidade como algo

---

<sup>1</sup> O perfil deste grupo pode ser apresentado da seguinte forma: o universo pesquisado é composto por 64 mulheres e três homens. No que diz respeito ao estado civil, 46 são casados/as, 17 solteiros/as e quatro divorciadas. No que concerne à religião, cinquenta são católicos/as, oito evangélicos/as, quatro espíritas e três cristãos/ãs. No que se relaciona às faixas etárias, 23 participantes se encontram na faixa entre 31 e 40 anos; 20 na faixa de 20 e 30 anos; 19 na de 41 e 50 anos e cinco possuem mais de 50 anos.

<sup>2</sup> Não percebemos, nas falas dos três professores, diferenças com relação ao conteúdo das respostas das 64 professoras. Por esta razão, para a análise das falas, não utilizamos a diferenciação de gênero.

dado *a priori*, de natureza biológica, pulsional ou comportamental, contra a qual o indivíduo pouco ou nada pode fazer. Já a segunda categoria implica, igualmente, de acordo com as respostas obtidas, entender/perceber a homossexualidade como algo decorrente do “meio ambiente”, da “educação familiar” ou como “opção” do indivíduo. Tanto a primeira categoria como a segunda podem apresentar avaliações positivas ou negativas, assim como ambigüidades, contradições e tensões, conforme a análise do material a ser apresentada.<sup>3</sup> Além das duas categorias temáticas, utilizamos também os conceitos de *tempo longo*, *vivido* e *curto* para analisar as respostas, pois esses tempos históricos perpassam a construção dos significados sociais atribuídos à homossexualidade.

No que se refere aos aspectos éticos da pesquisa, deve ser levado em consideração que toda pesquisa social é um encontro entre sujeitos sociais, quando pesquisadores/as e pesquisados/as têm que estabelecer uma relação de respeito e confiança, sem a qual a presença do pesquisador/a sequer é admitida no grupo. Os professores/as da rede pública, que participaram do Projeto, faziam parte do GEES, durante o período assinalado. Cabe dizer que o GEES responde a uma demanda constante por parte de professores/as comprometidos/as com sua própria formação e com aquela dos/das jovens que inclui, de forma premente, questões relacionadas à sexualidade. Assim sendo, os professores/as concordaram, pronta e espontaneamente, em responder aos questionários depois de esclarecidos/as, verbalmente, sobre os objetivos da pesquisa, a garantia da utilização acadêmica dos dados coletados e o anonimato dos/as respondentes.

### **Representações sociais e construção da homossexualidade: referencial teórico-conceitual**

Faz-se necessária a explicitação teórica da noção de representação social, uma vez que, como adverte Herzlich (1991), esta noção tem sido utilizada de maneira pouco precisa, tornando-se um tipo de metanoção que pode designar qualquer conteúdo ideativo. As representações sociais ou coletivas são objeto de preocupação das Ciências Sociais desde os estudos de Durkheim e Mauss [1903] (1981) e de Durkheim [1912] (1983), pois refletem o domínio das categorias do entendimento humano, produzidas e atualizadas permanente e

---

<sup>3</sup> Embora quaisquer categorizações empobrecam a complexidade da realidade estudada, sobretudo no domínio das representações sociais, há necessidade de se recorrer a elas para fins de organização do material empírico. A análise demonstra que as respostas dos/as participantes extrapolam a rigidez das categorias utilizadas, visto que as falas expressam, muitas vezes, tanto a perspectiva do *inato* como a do *adquirido* revelando, assim, dúvidas, ambigüidades e tensões nas representações acerca da homossexualidade.

coletivamente. Além de expressarem significados socialmente construídos, referem-se sempre à ação, fazendo parte de toda e qualquer prática social.

Segundo Minayo (1993, p. 158), podem ser definidas “como categorias de pensamento, de ação e de sentimento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a”. As representações sociais situam-se, portanto, na interface entre o individual e o coletivo e conformam-se num processo construtivo, simbólico e criativo, em que conteúdos mais estáveis se articulam com outros mais dinâmicos. As razões da existência das representações sociais decorrem da necessidade que os sujeitos sociais têm de se situar, de compreender o que acontece, de entender os outros e se fazer entendidos, de assumir posições e decidir ações, de dar, enfim, sentido ao mundo e à vida que nele vivem.

Esta articulação de conteúdos mais estáveis a conteúdos mais dinâmicos faz com que, para a elaboração das representações, concorram permanências e diversidades que serão mais facilmente compreendidas se relacionadas aos três tempos históricos que perpassam a construção dos significados sociais, quais sejam, o tempo longo, o tempo vivido e o tempo curto. Spink (1993; 1993a; 1994) elucida, de forma clara, esta perspectiva temporal.

O tempo longo, também denominado imaginário social, consiste no

Conjunto cumulativo das produções culturais que circulam numa determinada sociedade sob formas as mais variadas: iconografia, literatura, canções, provérbios, mitos. Estas produções são filtradas pelas representações hegemônicas constitutivas da episteme (Foucault, 1987) ou visão de mundo de uma determinada época histórica (SPINK, 1993, p. 305).

O tempo longo contém, assim, os conteúdos mais estáveis das representações sociais, os elementos mais duradouros. Nele encontram-se, portanto, depositadas as memórias coletivas, os significados culturais que se mantêm de forma mais ou menos constante ao longo dos anos.

O tempo vivido corresponde ao período de aprendizado daquilo que é socialmente compartilhado. Ele “abarca o processo de socialização – o território do *habitus*, das disposições adquiridas em função da pertença a determinados grupos sociais” (BOURDIEU apud SPINK, 1993, p. 305). Neste tempo, as produções culturais são interpretadas e reinterpretadas pelos grupos sociais a partir de seus vínculos de pertencimento social.

O tempo curto traz o “aqui e agora” da interação e nele estão contidos o variável, o peculiar, o subjetivo, o contraditório, a originalidade. Pertencem a ele os conteúdos mais instáveis das representações.

É através destes três tempos que as representações sociais flutuam. Deles elas emergem, neles circulam, se cristalizam e se modificam. Ressonâncias do tempo longo permeiam o tempo vivido e o tempo curto, ao mesmo tempo em que o novo do tempo vivido e o hoje do tempo curto questionam, contestam, transformam, revivem e recriam representações há muito sedimentadas. Desta forma, como veremos na análise das falas dos sujeitos da pesquisa, o cotidiano mescla-se a tempos longínquos, o arcaico coexiste com o instante, fundem-se o universal e o singular nas concepções acerca da homossexualidade.

Uma vez definidas as questões de ordem conceitual, faz-se necessária uma breve discussão sobre a forma como a sexualidade e, mais especificamente, a homossexualidade tem sido compreendida no campo das ciências humanas.

Os estudos sobre sexualidade apresentam basicamente duas perspectivas teóricas: essencialismo e construtivismo social. Apesar das diferenças internas existentes em cada uma delas, pode-se dizer que a primeira tem uma forte influência da biologia, ou seja, atribui uma essência biológica à homossexualidade (hereditariedade genética, funcionamento fisiológico, hormonal). De uma maneira geral, no essencialismo existe, de acordo com Heilborn e Brandão (1999, p. 9), a “convicção de que há algo inerente à natureza humana, inscrito nos corpos, na forma de um instinto, impulso ou energia sexual, que conduz as ações”. Os essencialistas argumentam que os indivíduos homossexuais teriam assim nascido ou teriam sido assim socializados, em função de fatores biológicos, familiares, ambientais, sobre os quais eles não teriam qualquer controle.

Segundo Vance (1995), a partir dos anos de 1970 surgem, contra o essencialismo, correntes do construtivismo social que vêm problematizar a universalidade do instinto sexual e defender a idéia de que a sexualidade pode ter significados diferentes entre as culturas ou entre grupos de uma mesma cultura. Segundo a autora, “atos sexuais fisicamente idênticos podem ter importância social e significado subjetivo variáveis, dependendo de como são definidos e compreendidos em diferentes culturas e períodos históricos” (p. 16). De acordo com essa visão, a cultura geraria, então, categorias, esquemas e rótulos diferentes para a experiência sexual e afetiva, influenciando a subjetividade e o comportamento individual, mas também organizando e atribuindo significados à experiência coletiva.

Na interpretação construtivista, não é mais possível falar da possibilidade de uma história universal da homossexualidade e seus autores argumentam que as categorias conceituais, através das quais os indivíduos interpretam o erotismo, não são biológica ou psicologicamente determinadas, mas sim, socialmente construídas. A cultura fornece, portanto, os significados conceituais através dos quais as pessoas distinguem sentimentos

sexuais, identidades e práticas. Vários autores, tais como Weeks (1989; 1989a), Watney (1989), Patton (1990), Levine (1992) e Costa (1992), criticam a interpretação essencialista que compreende o comportamento como algo inerente ao indivíduo.

Para Levine (1992), a perspectiva construtivista tem o mérito de ter transformado o pensamento da ciência social sobre sexualidade humana e desafiado diretamente a abordagem essencialista da homossexualidade que, segundo ele, prevalecia nas ciências sociais. Esta abordagem via na homossexualidade uma inversão de gênero, resultado de algum fator biológico ou pulsional, inerente ao homossexual. Inversamente, o construtivismo interpreta a homossexualidade como uma categoria conceitual que varia entre culturas e contextos históricos.

Em face do conjunto das considerações tecidas e do esclarecimento das questões teóricas e conceituais trabalhadas no texto, passaremos para a análise das falas dos/as participantes por ocasião da pesquisa realizada. As respostas foram agrupadas em três eixos: representações sobre homossexualidade; atitudes e sentimentos em relação a amigos/as e a alunos/as; e atitudes e sentimentos associados a parentes e a filhos/as. A análise virá, portanto, nesta seqüência e, apenas para retomar, como categorias organizadoras do material empírico foram utilizadas as noções de *inato* e de *adquirido* relativas à homossexualidade. Cabe ressaltar que os conteúdos agrupados na categoria do *inato* aproximam-se dos conteúdos presentes na abordagem essencialista, assim como os significados agrupados na categoria do *adquirido* remetem a elementos centrais da abordagem construtivista. Lembramos ainda que nos apoiamos nos conceitos de tempo longo, vivido e curto para análise dos diferentes tempos que interagem na construção dos significados sociais relacionados a essa questão.

### **Representações da homossexualidade como algo *inato***

Nesta categoria da homossexualidade como algo *inato*, agrupamos conteúdos que associam a sexualidade ao que seria ou deveria ser a *natureza humana*. No entendimento dos/as pesquisados/as, o natural é tomado como sinônimo de normal, assim como o sadio é contraposto ao patológico ou doentio. São explicações que utilizam conceitos decorrentes da biologia, psicologia e psiquiatria, em cujos campos são empregadas palavras como hormônios, células, personalidade, desvio, patologia e outras.

Extraímos das falas dos/as participantes, aquelas que nos pareceram mais paradigmáticas.

Acredito que vivemos a nossa sexualidade como homens e mulheres, através de amizades. No entanto, o relacionamento sexual, a constituição familiar... acredito que deve ser vivido entre o homem e a mulher. Não percebo a homossexualidade como algo da natureza humana.

Penso que existe em mim uma dificuldade grande em aceitar pessoas homossexuais. Minha visão sobre o assunto, a priori, é de doença, ou seja, situações internas mal resolvidas que levam a uma escolha rebelde.

Penso que deve ocorrer algum distúrbio na formação celular. Ou seja, em termos científicos, na hora de a pessoa se definir, deve faltar algum hormônio, ou sobrar. Pois às vezes, a pessoa não quer ser homossexual, mas seu corpo reage diferente, e ela não consegue se dominar.

Indo contra a corrente, eu creio que é um desvio de personalidade. Acredito que não seja natural, e, penso que se Deus fez homem e mulher (seres completos), a homossexualidade é algo que não deveria ser natural.

Pode ser percebido que, mesmo dentro de uma mesma categoria de análise, as falas não se apresentam de forma homogênea. Algumas expressam uma clara não-aceitação da homossexualidade, outras indicam responsabilização da pessoa. Fica, no entanto, evidente a associação à doença, a distúrbio, a desvio, a algo que colide com a denominada natureza humana. Noções como homem e mulher, natureza humana, não-natural, constituição familiar nos trazem conteúdos todos provenientes do tempo longo, arraigados, repetidos geração após geração, conteúdos que nos remetem a padrões de pensamento rígidos, cristalizados, há muito sedimentados no nosso imaginário.

É interessante observar que a referência a valores religiosos aparece, nesta categoria de análise, somente uma vez. Se considerarmos que *o cristianismo era fundamentalmente hostil à homossexualidade* (RICHARDS, 1993, p. 152) e quão enraizadas encontram-se as metanarrativas no imaginário social, dentre elas a religião cristã, uma das mais potentes e dominadoras fonte de coerção e julgamento no campo da sexualidade, é gratificante para o projeto de luta contra a homofobia, do qual esta pesquisa faz parte, deparar-se apenas com uma única menção à questão religiosa, no que concerne à concepção sobre a homossexualidade, em um universo de sessenta e sete respondentes. Cabe realçar ainda o reconhecimento da dificuldade de aceitação em uma das falas e a necessidade de respeito em outra. Isso denota a existência de elementos pertencentes aos tempos vivido e curto, ainda que de menor presença, nas representações sobre a homossexualidade, independente de sua compreensão como algo inato.

Ainda dentro da categoria do *inato*, vislumbra-se outro significado da homossexualidade tomada como algo que faz parte da essência do indivíduo, como uma



característica dele imanente. Ilustra este entendimento a fala que se segue: “Não acho que é uma opção nem escolha, é algo que está embutido na pessoa.”

Neste caso, nota-se que a interpretação adotada, mesmo com evidente conotação essencialista, leva a uma compreensão menos julgadora do ponto de vista moral e, por consequência, a uma maior facilidade de aceitação.

A concepção do *inato* manifesta-se, também, como não poderia deixar de ser, em se tratando de representações e significados, por meio de falas ambigualmente elaboradas. Trata-se de enunciados cuja interpretação pode ser tomada em mais de um sentido. As falas abaixo exemplificam claramente esta conotação de ambigüidade:

Penso que é “uma escolha”, às vezes por nascimento (hormônios, etc.), às vezes por opção, mas que deve ser respeitado, não muda a pessoa em seu “interior”.

Acho normal a opção de cada um. Tenho algumas dúvidas se é genético ou se isso pode ser transformado pelo convívio.

É um assunto complexo, pois é real, mas muito incômodador quando você pensa muitas pessoas trocam seu papel.

Vemos que dúvidas, incômodos e possibilidade da existência de mais de uma explicação são abertamente expressas. Percebe-se uma clara relação de percepção e de interação entre a consciência do “eu” e do “outro”. Esta interação, mesmo perturbadora, não revela, contudo, necessidade de afastamento, nem mesmo evitamento, dado que pode ser considerado extremamente positivo.

A expressão “troca de papéis” remete-nos a vestígios do tempo longo no qual a diferença entre gêneros revela-se rigidamente demarcada. São, ainda, expressas dúvidas relativas ao conceito determinista sobre o que seria ser homem e ser mulher. São posições ambíguas que manifestam incertezas e perplexidades entre uma e outra concepção.

A atitude de respeito, enunciada na primeira fala, surge novamente, agora, como um reforço à idéia de que a homossexualidade *não muda a pessoa em seu “interior”*. Esta atitude indica a não contaminação da questão sexual para outros domínios da personalidade, tão presente no senso comum. A fala denota atitude própria de pessoa informada e sensibilizada e, mais do que isso, manifesta atitude de aceitação na medida em que considera indivíduos homossexuais como seus iguais. O tempo vivido e o tempo curto mostram-se, nesta situação, claramente presentes.

### **Representações da homossexualidade como algo *adquirido***

Essa categoria temática classifica as respostas dos/as participantes em concepções da homossexualidade como algo construído, seja pelo ambiente social, seja pela educação familiar. Tende a associar a homossexualidade a uma escolha individual ou a uma opção, muitas vezes relacionando à questão dos direitos humanos ou ao direito individual de cada um, mais do que à idéia de direitos políticos coletivos de grupos minoritários.

Vale ressaltar que, das 67 respostas, 26 mencionam opção ou escolha individual para explicar a homossexualidade. As falas demonstram uma tensão na forma como a homossexualidade é percebida, quando as permanências do tempo longo do imaginário social se entrelaçam aos significados mais recentes ainda em processo de incorporação pelo sujeito social, decorrentes do tempo vivido e curto.

Das respostas, extraímos alguns exemplos:

Acredito ser uma opção, uma escolha. E sinto muito preconceito a respeito de homossexualidade.

Eu acho que as pessoas têm direito de escolha, inclusive de sexo, e eu respeito e digo aos meus filhos que ajam da mesma forma.

Acredito que a homossexualidade deveria ser vista como uma opção sexual de um indivíduo, porém, para mim ainda é algo que [tenho que] ‘romper’, um preconceito que existe mas que não gostaria de tê-lo ou de senti-lo.

Nota-se que a tônica das respostas recai sobre o direito de escolha individual e a uma tendência à disponibilidade para aceitação da homossexualidade como algo normal ou praticada por pessoas normais, mesmo nas falas que admitem o preconceito.

É interessante atentar para a luta interna do/a participante/a, na última fala, no que se refere aos sentimentos associados à homossexualidade. Foi elaborada num tempo condicional – “deveria ser vista [...] não gostaria...”. A frase do meio, entretanto, é incisiva no que se refere ao rompimento que deve ser feito com esta visão mais tradicional. Neste caso, a visão mais rígida colide com a exigência interior de um ponto de vista mais flexível, a fala demonstra claramente resquícios do tempo longo sendo questionados, revistos pelo tempo curto do aqui e agora.

Cabe ressaltar que o primeiro passo para se superar um preconceito é exatamente reconhecê-lo e, posteriormente, admiti-lo de forma aberta. Somente depois destes passos, a pessoa consegue administrá-lo ou eliminá-lo. As falas acima apresentadas denotam um

movimento contínuo de inter-relação entre os três tempos históricos, ora de embate, ora de resistência, mas sempre movimento.

### **Atitudes e sentimentos relacionados a amigos/as e alunos/as**

À questão sobre ter amigos/as, conhecidos/as ou colegas de trabalho homossexuais, os/as professores/as apresentaram atitudes positivas, de modo geral, haja vista que a maioria deles/as afirmou conhecer ou ter um/a amigo/a homossexual e ter com eles/as uma relação definida como “normal”, “tranqüila”, “boa”, “legal”, “maravilhosa”: “Minha relação é tranqüila, gosto muito dele, pois é uma pessoa muito boa.”

Entre aqueles/as que admitem que tiveram dificuldades iniciais, tendo que superar seus próprios preconceitos, destacamos a fala abaixo.

Sim, um colega. Quando conheci, fiquei meio reprimida, mas nossa convivência me fez mudar. O preconceito é muito grande, mesmo quando falamos que não existe é mentira, pois só vivenciando para saber.

Outros/as afirmam que têm um relacionamento *normal* porque não se trata de um membro de sua família, situação em que a dificuldade de aceitação e de superação dos preconceitos se apresenta como a mais difícil de ser enfrentada:

Relacionamento “normal” na medida do possível, porque enquanto acontece na família dos outros é muito fácil.

Vale ressaltar a fala de um/a participante que associa a homossexualidade a uma “opção” e, ao mesmo tempo, à forma como seu colega foi criado pela mãe.

Sim, conheço e trabalhei com um professor que é. E ele sempre foi, para mim, uma pessoa maravilhosa, não deixou de ser humano, somente gostava de ter relações com homem, mas sempre deixou claro que sua opção foi graças a sua mãe, que sempre o tratou como tal, e que ela era culpada.

A resposta indica, de forma clara, a concepção da homossexualidade como algo construído, neste caso, pela educação familiar. A figura da mãe aparece como alguém a ser responsabilizado, mesmo “culpado”, vislumbra-se aí a idéia de falta ou dano. Entretanto, se levamos em consideração que a participante conheceu de perto uma pessoa homossexual, é importante constatar que emana da resposta uma aceitação aberta da orientação sexual e do

colega, comprovada na expressão “pessoa maravilhosa”, “humano”, palavras que não deixam dúvida quanto à afabilidade do relacionamento.

Quanto à questão sobre ter alunos/as homossexuais em sala de aula, a maioria dos/as pesquisados/as afirmou não ter. Quando têm, disseram que o/a tratam com “naturalidade”, de maneira “normal” e “tranqüila”. Entre aqueles/as que têm alunos/as, todos/as são unânimes em afirmar que a atitude dos/as outros/as alunos/as é de gozação, piadas, brincadeiras de mau gosto. Muitos/as deles/as afirmam que tentam conversar e orientar no sentido do respeito que devemos a todos/as. Uma professora disse que, quando trabalhava com educação infantil, teve que pedir ajuda à psicóloga, pois tinha um aluno que só queria brincar com bonecas e se maquiar. Suas respostas ao questionário são ilustrativas.

Já tive um aluno que desenvolvia atos mais afeminados e que gerava piadinhas na sala. Mas como não sabia trabalhar com o assunto, apenas pedi respeito pelo colega.

Sim, um aluno de quarta série e outro que está na terceira. Os alunos o chamam de bicha e eu explico a eles que, se ele é ou não, não é problema nosso, e sim dele e dos pais, por isso estou fazendo este curso, para poder entender e orientar melhor meus alunos.

Quando a questão era sobre quais providências práticas tomar em sala de aula diante de situações em que o/a aluno/a homossexual fosse alvo de discriminação, muitos/as afirmam que nunca se viram diante de uma situação como esta, mas que, “se tiver, procurarei conversar” ou “procurarei compreender”. O verbo no futuro indica uma disposição para a ação, mesmo que implique igualmente o reconhecimento de dificuldades, o que pode ser um aspecto positivo, fruto também do trabalho de educação sexual que vem sendo realizado com este grupo.

Já para os/as que tiveram casos de alunos/as homossexuais em sala de aula, há uma ênfase no respeito à individualidade, à “escolha” de cada um, à “opção” e à necessidade de se respeitar o/a colega. Percebe-se a constância das respostas sobre a percepção da homossexualidade como algo que diz respeito à individualidade de cada um e a direitos individuais garantidos. Seguem alguns exemplos de suas falas.

Tento lembrar sobre respeito e individualidade do outro. Explico que cada pessoa faz suas escolhas pessoais e que ninguém tem direito de julgar como errado. Não é preciso apoiar, mas é necessário respeitar.

Falo das diferenças de cada ser, das escolhas que fazemos em nossa vida e que não precisamos gostar e aceitar todos, mas devemos, e temos a obrigação de respeitar cada um.

Alguns/mas professores/as são mais específicos/as quanto à maneira de se tratar o assunto em sala de aula, como aproveitar os “ganchos” que possibilitem a discussão do tema, de maneira que possam respeitar o outro. Todos/as aqueles/as que enfrentam uma situação de discriminação em sala de aula são unânimes em responder que é preciso desfazer o preconceito e estimular uma atitude de respeito, apesar da dificuldade de enfrentar a questão. E desfazer o preconceito implica em desconstruir falsas informações e adquirir conhecimentos sobre o assunto, além de estimular o exercício de se colocar no lugar do outro, imaginando como o/a aluno/a alvo de preconceito deve se sentir.

O aprendizado de interações sociais menos rígidas e estereotipadas, com relação às diferenças e desigualdades de classe social, raça/etnia, gênero e orientação sexual, passa pelo reconhecimento da diferença e da necessidade de aceitá-la como experiência fundamental da ação criativa dos homens e do caráter histórico e mutante dos direitos humanos resultantes de um processo contínuo de lutas e conquistas (LOURO, 2001; SEFFNER, 2002).

### **Atitudes e sentimentos relacionados a parentes e filhos/as**

Cabe esclarecer que, de 67 respondentes, 44 deles/as afirmaram não possuir ou conhecer casos de pessoas homossexuais em suas famílias. As respostas, quando comparadas ao item anterior, expressam uma diferença que salta aos olhos. Se para os/as amigos/as e os/as alunos/as, a tônica são palavras como relacionamento tranqüilo, atitude normal; quando se trata de parentes, a reação é inversa. Surgem, de forma recorrente, palavras como camuflar, abafar, esconder, ignorar. Elas indicam a dificuldade de enfrentamento quando se trata da própria família. Uma das respostas traz ainda a questão do sofrimento da pessoa em decorrência da não aceitação da família. Seguem-se as falas daqueles/as cujas famílias possuem uma pessoa homossexual entre seus membros.

Sim, todos sabem, mas ninguém toca no assunto. Acredito toda família construa sigilo em torno de algum assunto, e na nossa foi a questão da homossexualidade.

Tive uma sobrinha que, há alguns anos atrás, se relacionou com outra garota. A maior parte da família não ficou sabendo, o assunto foi abafado, só os mais íntimos souberam do caso.

Sim. Irmão. No início, como se não fosse verdade, pois ele saiu de casa muito novo (13 anos) e foi morar com amigos. Ele, de aparência, não é uma “mulher”, então, a reação da família é normal. Ninguém toca no assunto com ele.

Sim. No início foi um choque. Eles se afastaram por um tempo do convívio familiar, contraíram HIV e retornaram para a família que os

recebeu de braços abertos. Mudou [a atitude da família] quando ficou doente.

O tempo longo parece prevalecer nas famílias dos/as respondentes e a predominância dos procedimentos dos familiares é o estranhamento, a discriminação, ou a fuga da situação por meio da não verbalização, da manutenção das aparências, da simulação. Alguns familiares não-próximos apresentam maior tolerância; outros jogam o mesmo jogo familiar de interdição ao fato.

O fato de a pessoa homossexual assemelhar-se externamente à figura de homem facilita o trato da situação como não existente e, por conseguinte, como normal. Novamente, temos a rigidez e o arcaísmo do tempo longo no que concerne à concepção da sexualidade composta por dois sexos corporalmente diferenciados. A intensidade dos mecanismos de negação mostra-se visível exatamente pelo não-visto, não-ouvido e não-falado, formas remotas, permanências calcadas em um modelo defensivo de funcionamento familiar.

Interessante notar que uma das famílias muda o comportamento com relação a um de seus membros, quando infectado pelo HIV. Os familiares o/a receberam, aceitaram e acolheram sob seus cuidados, em decorrência da mobilização emocional que, muitas vezes, a doença provoca.

Se o tempo longo prevalece na dificuldade de aceitação e na manutenção da homossexualidade como um segredo de família, é igualmente o tempo longo que leva a família a aproximar-se do membro doente, a dirigir a ele seus cuidados e atenção, a estreitar os laços intrafamiliares. A noção de maternidade, fortemente enraizada no imaginário social como razão de ser de muitas mulheres que se tornaram mães, assim como o mito do amor materno como aquele que cuida, ampara e protege (BADINTER, 1985) modificam profundamente os mecanismos defensivos da família que abriga em seu seio um/a filho/a tocado/a pelo infortúnio de uma doença estigmatizante.

Faz-se necessário que se diga, no entanto, que muitas vezes a não-revelação explícita da homossexualidade parte da própria pessoa homossexual. As razões são muitas: a questão da privacidade, a dificuldade em se tocar no tema, a ciência de que será uma conversa tensa ou ainda o receio de magoar os pais, julgando que vai decepcioná-los se lhes disser a verdade. Desta forma, a atitude da família segue a atitude de seu familiar, cria-se um acordo tácito sobre não se tocar no assunto; o conhecimento do fato resta subentendido, implícito. Este mecanismo contribui para manter a estabilidade do ajustamento familiar sem a necessidade de se correr o risco de passar pela situação movediça e incerta que costuma acompanhar a complexidade do novo, do não-conhecido.

Quando os/as participantes refletem sobre a possibilidade de um/a filho/a homossexual, as respostas vieram todas no condicional, de maneira hipotética, o que nos leva a crer que os respondentes não viveram ainda tal situação. Mesmo na forma de hipótese, é admirável a sinceridade com que as questões foram respondidas e a franqueza para expor suas dúvidas, seus medos e ansiedades e mesmo seus preconceitos assumidos. Seguem algumas de suas respostas.

Bem... acredito que ninguém nasce homossexual, e sim, se torna, e a família influência muito para isso. Portanto, é importante a presença masculina e feminina na vida da criança. Não tenho respostas para descrever o que sentiria, ou se sentiria alguma coisa. Mas acredito, e sempre irei procurar levar os meus filhos pelo mesmo caminho que segui, pois tenho os meus valores e princípios. As pessoas são livres, podem optar em ser o que quiser, mas se elas tiverem uma excelente base familiar, muitas coisas podem ser diferentes.

Com certeza muito triste, pois prezo os princípios bíblicos, perceberia que os meus ensinamentos não foram valorizados e os meus valores (bíblicos) foram desconsiderados

Procuo mostrar à minha filha, aos poucos, a beleza de ser mulher, e educá-la sexualmente da forma que acredito. Como mãe, não me sentiria feliz, mas não deixaria de amá-la.

Entraria em desespero, mas procuraria meios para ajudá-lo a se resolver, descobrindo alguma fase de sua vida que não foi bem resolvida.

As respostas revelam ser a homossexualidade uma abstração e algo remoto. Caso ocorresse, ela abalaria dois poderosos pilares de sustentação da dinâmica familiar e da estabilidade da esfera emocional. O primeiro é o papel da família e a forma como foi construído; o segundo, a religião.

Duas respostas trazem explicitada a questão de gênero: uma quando se remete à importância das presenças masculina e feminina na família; outra, quando valoriza a beleza da mulher. Se a filha fosse homossexual, deixaria de ser mulher, o que indica uma rígida e determinista construção dos papéis de gênero. Nesta resposta, no entanto, o tempo longo da maternidade, no que diz respeito ao amor aos/às filhos/as, paradoxalmente contribui para a aceitação não do fato, mas da filha, manifestada nas palavras *não deixaria de amá-la*. O tempo longo força a introjeção do denominado amor maternal e, a despeito de discordâncias, crê-se que mães devem amar seus/as filhos/as.

Quando há expressão de sentimentos, eles se referem à tristeza, à ausência de felicidade e, inclusive, ao desespero. Expressam uma sensação de falha na educação dos filhos/as ou desconsideração, por parte deles, para o que lhes foi ensinado.

As respostas não deixam dúvidas quanto à prevalência do tempo longo. A solidez da família e a fortaleza representada pela religião são permanências fincadas no nosso imaginário desde épocas remotas e colocá-las em dúvida, no caso das falas analisadas, toma vulto de insurgência, de desobediência a preceitos indubitáveis não passíveis de questionamento.

Outro grupo de respostas mostra oscilações entre aceitação, não aceitação, dúvidas sobre aceitar ou não, aliadas a sentimentos associados à culpa, à tristeza, à vergonha.

Acho que apavorada e com medo do que a sociedade ia pensar. A princípio tentaria conversar, mas acredito que não aceitaria.

Ficaria apavorada. Com medo, com vergonha e com sentimento de culpa. Hoje, tenho 2 filhos e não quero nem pensar nessa hipótese, não sei como me sentiria, mas penso que seria sofrido.

Aí está a questão e aí? Não sei, acho que iria doer muito, mesmo sabendo que devemos aceitá-lo como é.

As reações apresentadas trazem fortes vestígios do tempo longo sinalizadas nas expectativas de comportamentos estáveis relacionados à sexualidade, de continuidade de tempos passados. Aparecem reações de medo do que pensariam as outras pessoas, de sofrimento no enfrentamento do novo, de culpa e de vergonha.

As palavras “saber que devemos aceitá-lo” passam a idéia de algo que se encontra na esfera do cognitivo, do racional, de algo que não alcançou ainda a dimensão do emocional, espaço reservado ao que se sente e não ao que se sabe.

As falas seguintes sugerem que o receio maior dos pesquisados/as diz respeito ao possível sofrimento que se abateria sobre os/as filhos/as e, por conseqüência, do pesar que igualmente os afligiria.

Reagiria com dificuldade, principalmente por pensar o quanto ele iria ser discriminado. Por fim aceitaria por ser uma opção dele.

Ficaria triste pelo fato de haver tanta discriminação e ele poder sofrer com isso, mas, com certeza, daria todo o apoio.

Não sei, me sentiria eu acho triste por que ele teria que estar muito preparado para enfrentar os desafios da discriminação e do preconceito, principalmente por que na própria família ele se sentiria assim. Eu daria a maior força.

A angústia parece revelar tanto o conhecimento do contexto no qual os/as filhos/as vivem e viverão, ou seja, o campo da racionalidade, assim como os sentimentos que os/as atormentam ou atormentariam no caso da ocorrência da homossexualidade. Suas falas



evidenciam um flagrante movimento indicativo da passagem do espaço do racional para o âmbito do emocional.

Quando se vê a expressão “por fim eu aceitaria”, pode se pensar em duas interpretações. Uma relacionada ao tempo longo de valores sedimentados como o da maternidade e outra decorrente do tempo vivido, qual seja, “eu daria a maior força”, proveniente do afeto, da proximidade e das relações interpessoais, configurando uma interpenetração de tempos.

As falas abaixo mostram duas atitudes que se seguem uma à outra. Em primeiro lugar, aparece uma reação de choque, de estarrecimento. A seguir, configura-se uma postura de aceitação.

Ficaria “chocada”, mas o amor estaria acima de tudo. Acredito que o amor de pai e mãe deva ser incondicional.

Ficaria estarrecida, muda em choque, tudo isso num primeiro momento, mas logo me recomporia para acolher o meu filho, pois com certeza o sofrimento dele para se perceber homo, for muito grande, e não me dá o direito de rejeitá-lo.

Da minha parte, eu saberia entender, mas meu marido, não.

Interessante observar a preponderância do tempo longo em um primeiro momento e, logo a seguir, a irrupção do tempo curto. Ele parece chegar impetuoso, sem preâmbulos, embora justificado pelas expressões que tentam explicar sua presença.

Estas representações do tempo longo são, no entanto, reelaboradas de forma a direcioná-las, a deslocá-las para o tempo do vivido e do aqui e agora. Transparece aqui um movimento de ruptura, de decisão tomada, de determinação sem volta, não obstante o “choque” do primeiro momento. Depois da turbulência inicial, o novo prevalece.

Um último agrupamento de respostas traz o tempo vivido e o tempo curto, aparentemente, incorporados. São falas que expressam disposição à aceitação caso a homossexualidade se apresente:

Acredito que a minha reação será a mesma se elas forem heterossexuais. São minhas filhas e o amor e o respeito que temos não está ligado somente à orientação sexual.

É claro que é isso que não gostaria que acontecesse com um filho, somente por saber o preconceito que envolve uma situação dessa. Mas se futuramente um filho meu optar por uma relação homo, eu apoiarei sempre e com certeza serei uma amiga com quem ele poderá contar.

Hoje em dia, amaria tanto quanto os amo. Meu desejo é que sejam seres humanos felizes.

Já pensei sobre isso, pois tenho dois meninos, não fico assustada com a possibilidade de um dia isso acontecer, penso que meu amor é maior que tudo,

tentarei ser uma mãe mais compreensiva ainda.

As falas mostram que a dúvida não é sobre a aceitação ou a não-aceitação, mas a melhor forma de apoiar, orientar, compreender o/a filho/a. Salienta-se uma visão da sexualidade como um dos componentes de suas personalidades e não, o único, refletida na frase “meu desejo é que [meus/minhas filhos/as] sejam seres humanos felizes”.

### Considerações finais

A análise do material demonstra que, subjacente à rápida aceleração das mudanças ocorridas com relação à forma como a sexualidade e, mais particularmente, a homossexualidade vem sendo pensada e vivida nas sociedades ocidentais modernas, existem permanências históricas dos significados sociais que interagem de forma dinâmica com outros mais recentes. Esse processo de reinterpretação permanente dos significados expressa a importância de projetos de educação contínua, como este aqui referenciado, para a desconstrução de imagens e conceitos negativos sobre a homossexualidade e para a construção de outros que respeitem a diversidade e a alteridade.

Balandier (1985) afirma que alguns domínios da vida social são de grande mobilidade e sujeitos a mudanças constantes, como o do saber científico, o das ciências aplicadas, o da economia e o das comunicações. Outros são mais lentos na sua capacidade de transformação, menos dinâmicos, portanto, muito dependentes dos valores e significados que compõem o imaginário social, como são os domínios do sagrado e das religiões instituídas, o dos arranjos simbólicos e rituais e o do político. A homossexualidade envolvida por valores religiosos e morais pode ser considerada um desses domínios menos propensos a mudanças ou nos quais elas se processam de maneira mais lenta. Neste sentido, projetos que colaborem na elaboração de representações alternativas à visão negativa sobre a homossexualidade são de grande importância, pois atuam, como bem expressou Morin (apud SPINK, 1993), nas brechas deixadas pelo processo de *imprinting social*, do qual resultam as representações sociais, permitindo a abertura para mudanças.

A abertura para mudanças que o projeto proporciona evidencia-se com muita clareza na fala de uma das participantes: “Estou fazendo este curso de sexualidade para tentar acabar com alguns preconceitos e saber lidar de forma mais natural”. A fala revela que o projeto – denominado curso por esta professora – vem ao encontro de uma disposição espontânea; sua

proposta responde a uma predisposição que pode ser transformada em ação na medida em que promove um debate sobre o tempo vivido e uma abertura para o tempo curto.

Foi possível perceber o jogo dinâmico entre permanência e mudança das representações acerca da homossexualidade no discurso dos professores, também existente em outros setores da sociedade, pois se trata de um domínio da vida social ainda permeado de tabus, ambivalências e ambigüidades. Assunto historicamente moralizado e patologizado, a homossexualidade é percebida de maneira conflituosa com diferentes significados: natural e não-natural, moral e imoral, normal e anormal, legítima e ilegítima, primando, ora pela inclusão dos homossexuais, ora por sua exclusão e pelo não reconhecimento de direitos duramente conquistados, requerendo, portanto, projetos de educação e ações permanentes com a finalidade de enfrentar as resistências e contribuir com possíveis avanços no combate à homofobia em nossa sociedade.

### Referências

- ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BALANDIER, G. *Le détour: pouvoir et modernité*. Paris: Fayard, 1985.
- COSTA, J. F. *A inocência e o vício: estudos sobre o erotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- DURKHEIM, E. [1912] As formas elementares da vida religiosa. In: GIANNOTTI, J. A. (Org.). *Durkheim: vida e obra*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- \_\_\_\_\_; MAUSS, M. Algumas formas primitivas de classificação: contribuição para o estudo das representações coletivas. In: MAUSS, M. [1903]. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- HEILBORN, M. L.; BRANDÃO, E. R. Introdução: ciências sociais e sexualidade. In: HEILBORN, M. L. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 7-17.
- HERZLICH, C. A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 23-36, 1991.
- LEVINE, P. L. The implications of constructionist theory for social research on the aids epidemic among gay men. In: HERDT, G.; LINDENBAUM, S. *The time of aids: social analysis, theory and method*. London: Sage, 1992.
- LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado*. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento*. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec; Abrasco, 1993.

ORTIZ, R. (Org.). BOURDIEU, P. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

PATTON, C. *Inventing aids*. London: Routledge, 1990.

RICHARDS, J. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SEFFNER, F. Prevenção à aids: uma ação político-pedagógica. In: PARKER, R.; TERTO JR. (Orgs.). *Aprimorando o debate: respostas sociais frente à aids*. Limites e possibilidades na terceira década. Rio de Janeiro: ABIA, 2002.

SPINK, M. J. P. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESHI, P. (Orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cadernos de Saúde Pública*. v. 9, n. 3, p. 300-308, 1993.

\_\_\_\_\_. Permanência e diversidade nas representações sociais da hipertensão arterial essencial. XXIII Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia. Ribeirão Preto, SP, 1993a.

VANCE, C. S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, IMS/ UERJ, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1995.

VAITSMAN, J. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WATNEY, S. The Subject of aids. In: AGGLETON, P.; HART, G.; DAVIES, P. *Aids: social representations, social practices*. London: The Falmer, 1989.

WEEKS, J. Aids: the intellectual agenda. In: AGGLETON, P.; HART, G.; DAVIES, P. *Aids: social representations, social practices*. London: The Falmer, 1989.

\_\_\_\_\_. *Sex, Politics & society: the regulation of sexuality since 1800*. 2. ed. Essex: Longman, 1989a.